Concepções e práticas no ensino de História no sudeste goiano

Camila de Sá REIS
(graduada em História UFG/CAC)

O presente trabalho tem como intenção compreender quais são as concepções de História ensinadas na rede pública de ensino de Catalão e região. Intentamos identificar quais são os pressupostos teóricos metodológicos que as formatam. Na presente pesquisa, as reflexões foram construídas a partir da sistematização e análise integrada dos dados contidos no material produzido pelos estagiários do curso de História no ano de 2004. No material produzido encontram-se anexados questionários elaborados para o estágio supervisionado da disciplina de Didática e Prática de Ensino de História. Os questionários foram encaminhados pelos estagiários à direção, aos professores e alunos, na tentativa de traçar um perfil das escolas, diretores, professores e alunos e de suas concepções de História.

Estes trabalhos encontram se no laboratório de Ensino e Pesquisa em História, na Universidade Federal de Goiás na cidade de Catalão-GO, Primeiramente os questionários foram sistematizados, em ordem numérica de um a trinta e sete. Passaram por um processo de identificação, onde foram recolhidos os dados utilizados na análise. Este trabalho foi realizado através da leitura das fichas das direções das escolas, dos professores e alunos e do recolhimento de informações contidas nestes questionários, através da leitura individual dos mesmos.

Através da análise individual das pastas pudemos perceber elementos, que nos apresentaram algumas problemáticas, como o fato de alguns professores não terem respondido a algumas questões, como, por exemplo, qual a sua concepção de história. A maneira como foram respondidos os questionários nos mostraram diversos elementos para estarmos pensando o ensino de História na cidade e região. Alguns professores, por exemplo, que receberam mais de um estagiário em sua escola, às vezes repetem as suas concepções em todos os questionários por ele respondidos, o que nos faz indagar sobre o significado destas respostas.

Dos vinte e nove professores que responderam ao questionário, dezessete foram formados em História pelo Campos Catalão, número

significativo, que nos traz alguns elementos para discutirmos a formação e a prática docente dos mesmos, assim como sobre a responsabilidade que têm o curso de História da UFG na formação dos profissionais de História, já que uma grande parcela destes foram formados pelos professores do Campus. Novos graduandos também irão se formar enquanto profissionais a partir das perspectivas teóricas metodológicas construídas com seus professores durante a graduação. A rigor, ocorreu uma sensível mudança neste cenário, já que agora a maioria dos profissionais que atuam na área são preparados para estarem ministrando aulas através do curso de graduação em História, contribuindo para uma nova realidade do ensino em que a maioria dos professores que ministram esta disciplina passou por um período de preparação para que os mesmos estivessem capacitados para estar ministrando suas aulas de História. Isso porque alguns anos atrás era muito comum encontrar graduados em outras áreas como Letras, Geografia e Ciências Sociais lecionando História em diversos colégios. Cabe ainda ressaltar a importância do Campus Catalão não só para esta cidade, mas para todo a região do sudeste goiano, afinal o curso de História tem contribuído para a

mudança de uma realidade, em que a maioria dos profissionais que atuavam na área de História, nem sempre tinham formação específica.

A partir das concepções apresentadas pelos professores de História, podemos observar que suas concepções trazem elementos que nos levam a perceber uma transformação no que se refere à concepção de História. De fato, vários professores vêm rompendo com velhas concepções, de uma história tradicional e factual, feita de grandes nomes, fatos e datas. A análise das concepções nos revelou que parte significativa dos professores expressa novas concepções de História, muitas delas a partir da perspectiva de uma História real, vivida, na qual o homem é visto enquanto sujeito histórico. Ou seja, muitos professores trabalham a História sob a perspectiva de seu papel na transformação da sociedade. Outra parte dos professores apresenta diferentes posições, a partir da perspectiva de História enquanto conhecimento. Estes professores a tomam enquanto ciência que estuda o homem e suas relações estabelecidas ao longo do tempo, neste sentido e que são usadas às expressões "passado / presente" ou "presente / passado" "ou ao longo do tempo". Aparece neste contexto a idéia de que o conhecimento

histórico é "provisório / seletivo". Comparando as respostas dadas por professores formados em História e por aqueles que não foram formados em História, notamos que é mais comum, entre os formados em outras áreas, a apresentação de uma perspectiva de História como conhecimento científico elaborado.

Quando comparamos as concepções dos professores formados em História com as concepções dos professores com formação em outras áreas como, Pedagogia e Geografia, os mesmos apresentam suas perspectivas, do que seriam suas concepções de História, não tão aprofundadas quanto aqueles com formação específica em História; que a apresentam enquanto ciência que estuda o passado para reflexão do presente, ou estuda o presente, para reflexão do passado, ou mesmo para fornecer à sociedade uma explicação de suas origens. Há um caso específico em que um professor formado em Pedagogia apresenta sua concepção de História de forma mais elaborada do que as demais apresentadas pelos professores sem formação específica. O mesmo expressa sua ótica, a partir da perspectiva de História enquanto conhecimento real vivido pelo homem em um contexto onde estão inseridos os sujeitos históricos. O professor alerta para a necessidade de

transformação da concepção de História se posicionando contar a velha concepção tradicionalista que privilegia a História dos grandes feitos, marcada por datas comemorativas e grandes heróis.

Estes elementos nos fazem compreender que a realidade do ensino de História, na região do Sudeste Goiano, paulatinamente tem se afastado de uma perspectiva de História como conhecimento fixo que priorize a construção de uma memória nacional centrada na figura dos grandes nomes da História política. Pelo menos em desejo, os professores expressam perspectivas que busquem fazer com que o aluno se sinta como sujeito do processo histórico, assim como todos os homens, e boa parte deles, especialmente aqueles que pensam a História ligada a uma perspectiva do real vivido, a vêm como possibilidade de instrumentalização para compreensão da sociedade e intervenção no sentido de sua transformação.

Uma questão que nos pareceu interessante ao analisarmos as pastas, foi de que mesmo boa parte dos professores expressando concepções de História originadas de perspectivas da História Social, seja em seu viés marxista ou da nova História francesa, ao expressarem que concepção acreditavam ser mais

comum entre os alunos afirmavam ser ainda a perspectiva "tradicional", ligada a nomes, datas e heróis. Pudemos notar, entretanto, que as concepções dos alunos já estão se pluralizando.

Na análise das respostas dadas pelos alunos, observamos que o número de alunos que não gostam de História e que não a consideram importante é pequeno. Alguns termos são mais recorrentes nas respostas destes alunos, como justificativa para a importância que dão ao seu estudo, por exemplo: o fato da História ser importante por que estuda a História do Brasil; ou em alguns casos ser importante porque estuda o passado; como foi a vida dos seus antepassados; etc. Eventualmente nos deparamos com expressões tais como: "como saber História para contar histórias boas", ou "saber mais sobre nossa cultura" saber mais sobre o mundo em que vivemos"; ou " Para mim estudar História é importante para aprendermos, ou "História é a aprendizagem do Brasil, é a cultura dos índios, para mim e como ouvir história de meus ancestrais"ou "saber mais coisas sobre navegações".

Dentre aqueles que afirmaram gostar de estudar História, boa parte (29%) apresentou justificativas, que explicitam que compreendem a

História em uma perspectiva relacionada ao simples conhecimento do passado, da vida dos seus antepassados. Outros (2%) já conseguiram se expressar a partir da relação passado/ presente e futuro, outros apenas a relação passado/ presente (9%) e outros ainda a relação passado/futuro (6%). Alguns alunos (6%) apresentam suas concepções relacionadas ao que a História os ajuda a entender sobre o Brasil ou a Região. Um Número menor (2%) de alunos expressaram suas concepções de História justificando seus gostos às perspectivas que incorporam o termo "cultura" como objeto de estudo da História ou afirmando uma compreensão da História ligada à contribuição que ela oferece para a reflexão/ transformação da sociedade e de questões sociais.

Uma parcela significativa (34%) de alunos justifica seu gosto e expressa sua compreensão da História a partir de elementos menos usuais: ligadas à figura do professor, para passar no vestibular, simples gosto, matéria importante, dentre outras.

Do universo de alunos pesquisados, 5% respondem que gostam mais ou menos de estudar História, reconhecem sua importância por diversos motivos, mas se queixam da monotonia, e de estudarem o passado. Do universo de alunos, que

responderam ao questionário, 5% afirmam não gostar de História, alguns não justificaram e outros deram explicações diversificadas.

Através da analise das concepções de História apresentadas pelos alunos, podemos observar, em primeiro lugar como elemento que salta aos olhos uma pluralização da compreensão do que seja a História entre os alunos. Em segundo lugar, e comparando as respostas dos alunos com a dos professores, que as respostas dadas pelos alunos são derivadas daquelas que foram expressas pelos professores. Em terceiro lugar, que entre os alunos, domina uma compreensão da História como estudo do passado. Revelando ser forte entre os alunos a perspectiva de História como conhecimento científico, para muitos, descolado da perspectiva de transformação ou crítica social. Entretanto, podemos notar que a pluralização dentro deste campo indica a presença tanto de leituras tradicionais como, por exemplo: "Sim, porque ficamos informados sobre as pessoas importante que existiram no passado que não pude conhecer"; quanto, ligadas á História social Francesa: "História tem uma importância que obter os conhecimentos no passado e as formas do cotidiano"; quanto de perspectivas marxistas:" Sim,

poeque sabendo de nosso passado poderemos corrigir os erros de nosso país e poderemos fazer um futuro melhor para mim e minha família". Domina, entretanto, perspectivas ligadas ao conhecimento do passado seja como: vida dos antepassados, cultura, cotidiano, país, cidade sem conexão como o presente/ futuro e sem perspectiva de crítica/ transformação social o que é indicativo de que as perspectivas inspiradas no marxismo são minoria entre os alunos, apesar de onze dentre os professores que responderam as questões indicarem através de suas respostas perspectivas aí inspiradas.

O modo como os alunos dizem gostar de estudar História e expressam a compreensão do que ela seja é, portanto de suma importância, é bastante claro e objetivo, independente da concepção e também rompe com o mito de que História para os alunos seja "nomes de heróis e datas". As respostas dadas nos permitem perceber que os alunos das escolas publicas da região sudeste de Goiás aparecem de maneira mais contundente dados que nos permitem visualizar ainda a presença da perspectiva tradicional de História, mas uma ampla vantagem para as leituras ligadas à nova História e também uma presença importante da inspiração marxista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIES, Phillipe e Duby G. (org). *História da Vida Privada*. São Paulo: Martins Fontes, 1987-1992.

BARROS, José D' Assunção. *O Campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORGES, Vany Pacheco. *O que e história*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BURKE, Peter.(org.) *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.

CARR, Edward Hallet. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed. 1982.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural:* entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

Davis, N. Zemon. *Culturas do Povo*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

DE CERTEAU, M. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ editora UFRJ,1993.

FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da história ensinada*. Campinas: Papirus, 1993.

GUNZBURG, Carlo. *Mitos emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a história*. Lisboa: Edições 70, 1986.

LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a história*. Lisboa: Edições 70, 1986.

LE GOFF, Jacques. Memória/ História. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol.1. Lisboa.

NORA, Pierre. Entre Memória e História. In: *Revista Projeto História*. São Paulo, n.10, 1993.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Marcos A. *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

SILVA, Marcos A. *História*: O prazer do ensino e da Pesquisa. São Paulo: Brasiliense, 1995.

THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria*: ou um Planetário de erros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.